

21-10-83

## “Sabem que também matamos os portugueses?”

“Domício RNH”

Quilómetro 85 da estrada Nampula-Quelimane. Quarta-feira, 8 de Agosto, três da manhã. Dois portugueses, um emigrante e um coooperante, seguem de carro pela noite. De repente, o português mais velho, que conduz, trava bruscamente e faz guinar o automóvel, um «Mitsubichi» misto. À frente, atravessado na estrada, está um tronco de árvore. Grita o português mais novo: «Estamos à pega. São os gajost!»

Rajadas na noite. António Carneiro de Carvalho, 63 anos, casado, com dois filhos, e António Domingos de Sousa, 37 anos, casado, pai de uma filha de 5 anos, ambos a trabalhar numa empresa moçambicana de construção de estradas, são atingidos por tiros de metralhadora, mesmo antes do carro onde seguem se imobilizar.

O condutor do automóvel é ferido na perna e na nádega direita e uma terceira bala vaza-lhe os intestinos. Cai para o lado esquerdo e fica a gemer, baixinho.

O companheiro é atingido na nádega e sai logo do carro e atira-se para um aterro. Os agressores são seis ou sete, encobertos pelo escuro.

O condutor só tem forças para se deixar cair na bermada da estrada, encostado ao automóvel.

António Domingos de Sousa vislumbra os homens armados. Envergam uniformes camuflados iguais aos dos milicianos moçambicanos.

«Há alguém vivo?» — perguntam os agressores para o local onde jazem os feridos.

O português mais novo responde que sim. Ordenam-lhe que levante as mãos e que avance.

Despem-no e deixam-no de cuecas.

«Vocês são portugueses?» — perguntam, ao confirmarem a identificação do ferido. E dizem, num tom duro:

«Sabem que também matamos os portugueses? Os portugueses são os estrangeiros que mais estão a trabalhar em Moçambique. São os que mais ajudam a Frelimo. E quem ajuda a Frelimo a gente mata!»

António Domingos de Sousa pede clemência: «Por favor, não nos façam mal...» Explica que está em Moçambique há 10 anos, casado com uma moçambicana, embora com contrato de coooperante, e que «o velho» vive em Nampula há 25 anos, que está casado com uma portuguesa, que tem filhos e que é muito respeitado e considerado.

«Vamos tirar, também, a roupa ao velho» — dizem os agressores.

«Não façam isso, por favor — roga o companheiro — ele já é muito velho.»

Os homens armados apontam a lanterna para a cara de António Carneiro de Carvalho: «Sim, é muito velho.» Tiram-lhe só os sapatos e as peúgas.

«Vamos queimar o jeep» — dizem, logo a seguir.

O português mais novo arrasta o velho para fora da estrada, enquanto os agressores apanham capim.

Abrem o «capot» do automóvel e pegam fogo ao capim. Em poucos minutos o «Mitsubichi» é um braseiro.

Voltam junto do portu-

guês mais velho e revistam-no, à procura do relógio. Não encontram.

Voltam outra vez e trazem as calças do português mais novo. «Toma, para não teres frio.»

Então perguntam: «Saber quem somos nós?» António Domingos responde um não hesitante.

«Somos a Resistência Nacional Moçambicana» — diz um homem com uma fita de xadrez na cabeça.

Outro homem armado apalpa o português no sítio onde está ferido e diz para os outros: «Está ferido.»

Quando se vão embora ouve-se mais uma rajada de metralhadora e um homem a gemer. O português sente medo. De manhã cedo, às primeiras horas do dia, António Domingos encontra morto, na estrada, um miliciano moçambicano.

Pouco depois começam a surgir aldeões das redondezas que, receosos, observam a cena de longe.

Às seis e meia da manhã aparece um «Unimog» das FPLM que vai chamar um Land-Rover, que, após alguma demora burocrática, transporta os feridos ao hospital de Nampula, onde o repórter de «O Jornal» vai encontrar, ainda internado o português António Domingos de Sousa.

O mais velho, António Carneiro de Carvalho, embora livre de perigo, encontra-se no serviço de reanimação e não pode receber visitas. Bruscamente, vê interrompida a sua vida em Moçambique. Vai ter de regressar a Portugal para partir do zero aos 63 anos de idade.